Cibele Laura Oliveira

VULPINO

Vulpino

© Cibele Laura Oliveira – 2012

https://www.facebook.com/cibele.oliveira.902604
ISBN-13: 978-1500329464
ISBN-10: 1500329460

Revisão: Margarida Afonso Henriques
https://www.facebook.com/margaridaafonso.henriques
Composição e arte: Hilton Brasil
https://www.facebook.com/hbrasilgraph

Direitos de edição e publicação cedidos à
Lectu Editora

lectueditora@gmail.com

L388v Laura, Cibele.
Vulpino/ Cibele Laura.
2018. - Curitiba: Romance;3ª edição, Lectio-
388 p. ; 21 cm
ISBN 978-1500329464

1 Romance. 2 Laura, Cibele.
I Título

CDD B869.3
CDU 82-3

DEDICATÓRIA

Dedico ao meus filhos, gêmeos, Caio Morabito e Mike Morabito, meus amores eternos e à minha mãe Iris M. Martins, que me tem apoiado desde sempre.

Também a todos aqueles que auxiliaram no desenvolvimento e me apoiaram na realização deste feito.

ÍNDICE

9 – Prefácio.
11 – Capítulo 1
25 – Capítulo 2
35 – Capítulo 3
45 – Capítulo 4
79 – Capítulo 5
107 – Capítulo 6
121 – Capítulo 7
141 – Capítulo 8
155 – Capítulo 9
191 – Capítulo 10
209 – Capítulo 11
223 – Capítulo 12
243 – Capítulo 13
251 – Capítulo 14
273 – Capítulo 15
275 – Capítulo 16
295 – Capítulo 17
321 – Capítulo 18
343 – Capítulo 19
349 – Capítulo 20
361 – Capítulo 21
363 – Capítulo final

PREFÁCIO

Após a morte de Pablo Escobar, o "Cartel de Cali" encarregou-se de tomar o tráfico de drogas na Colômbia. Em meados da década de 90, alguns dos seus líderes foram presos e outros mortos. Scott Spencer, "ex-Cartel de Medellín", ajudou matando muitos deles. Assim, discretamente, ele dava início ao "Cartel de Bogotá" que, mais tarde se estenderia, numa rede abstrata por toda a Colômbia. O "Cartel da Raposa", como ficou conhecido pela capacidade de seu líder de enganar a todos, agia de forma diferente, tornando-se numa rede ampla de drogas que fez de Scott Spencer um dos homens mais poderosos do mundo, até mais do que seu antecessor.

Chegou ao apogeu nos anos 2000 fornecendo cocaína para muitos países, inclusive os Estados Unidos. Os americanos, atormentados pelo terrorismo e severamente mordidos pela glória de seu compatriota, que abandonara a própria nação para reinar na Colômbia, pressionaram o, então, presidente colombiano e os países vizinhos para que se tomasse uma atitude. Não queriam só a extradição do maior narcotraficante do mundo, mas desejavam sua própria pele. Bryan Andrew é o retrato vivo desse desejo. Um agente secreto da Central de Inteligência Americana (CIA) obcecado por Scott Spencer, odiando-o de um modo mortal, desde os tempos em que trabalhava para Drug Esforcement Administration (DEA).

O Brasil, para mostrar que não estava conivente com o tráfico, decide agir conforme a conduta concebida pelo presidente colombiano que, dessa vez, se nega a tomar decisão semelhante à

captura de Pablo Escobar, tão criticada. Convoca o serviço de inteligência, designando três agentes secretos, especialistas em missões internacionais, para irem a Colômbia. A CIA, sem muita explicação, está por trás dessa convocação e se une ao serviço de inteligência da Polícia Federal brasileira, mas ambos com personalidades diferentes. Na Colômbia a operação "Caça a Raposa" começa sua busca pelo capcioso narcotraficante e tem como objetivo se sair melhor que a primeira, cujo fracasso quase manchara o nome de Andrew, da CIA e do DEA. Além de perigosa, a operação tem as duas agências norte-americanas em lados opostos, agindo de modo distinto e imprevisível.

Bryan Andrew lidera a operação pela CIA e tece um estranho jogo que envolve a agente federal brasileira Julia Bernardes, a única mulher do grupo. Patriota e decidida, Julia vê-se diante de um homem belo e sedutor, Scott Spencer, o maior traficante de drogas do mundo. Apaixonada Julia saberá que pior que o temer será amá-lo.

CAPÍTULO UM

SETEMBRO DE 2005
BOGOTÁ, COLÔMBIA.

No décimo primeiro andar ele observava o movimento da Avenida Jiménez. O vai e vem das pessoas e automóveis da iminente capital, que sorria para o pequeno progresso depois de estacionar, por tantos anos, à sombra fria da falta de credibilidade internacional.

A primavera nessa cidade, que parece não ter estações, chegava junto a uma frente fria e chuvosa. Quando os pingos começaram a atingir os transeuntes, lá em baixo, guarda-chuvas se abriram; de pano redondo; preto; azul, amarelo; roxo; estampado, estourando nas varetas flexíveis, dando assim nova cor às calçadas da avenida. Debaixo de marquises outros tantos transeuntes encontraram abrigo imediato. Uma jovem lançou-se na calçada, elegante no impermeável marrom. Trabalhava como gerente de investimentos numa empresa privada que tinha seu escritório em Bogotá. Do outro lado da avenida, no prédio situado à frente desse escritório, do alto, ele a seguiu com os olhos. Ela era o retrato do futuro colombiano, jovens que iam à luta dentro do seu próprio país. A Colômbia anoitecia para amanhecer mais confiante. Mas, no momento, não era exatamente nisso que ele pensava.

Cheiro de terra e asfalto molhado emergiu até o alto da janela. Pelo vidro a ferocidade verde dos seus olhos redigia a alma.

Em pé, parado, inerme naquele momento, seu pensamento,

como morfina o sedou. Então estaria ele pensando em alguma coisa?

Quarenta e dois, sem que nenhum fio branco e rugas o lembrassem da idade. Tempo suficiente para consolidar seu poder na Colômbia.

O cair azul e negro da noite úmida, sobre o fim da tarde, circundava seu corpo quente, musculoso e forte; envolvido no casaco longo de veludo, escuro como a própria sala, ileso no pináculo íngreme do tráfico de drogas.

Ele, o mais caçado traficante do mundo, visto como a raposa ardil de pele valiosa, absorto, nunca se desequilibrou desde que começou a subir. Também não se arqueou pelo peso que carregava; não o fatigava a caminhada, da qual se deparou com guerrilheiros, chefes de outros cartéis, inimigos da política, mafiosos latinos descontentes e, por fim, seus compatriotas, os americanos. Contudo, era homem nascido sob o sol de touro, insidioso. Ser taciturno, retórico, conduzindo com diplomacia seu império ilícito como se fosse instinto, sem vociferar opressão revolução ou luta.

Preferiu a solidão contrariando o dinheiro, se recolheu na sombra, sendo assim um enigma nas entrelinhas de um algoz traficante e o benevolente chefão.

Refletindo entre a escuridão, habituado a ela, baixou o olhar e deu as costas para o vidro embaciado pela sua respiração. Ao confrontar o escuro viu uma silhueta esguia, inerte, no umbral da porta. O dono dela, temeroso, conteve-se da onda de coragem que há pouco o havia tomado para que ali chegasse. Mas o visitante precisava, caso contrário jamais ousaria aproximar.

A silhueta moveu-se. O visitante tinha que entrar, mesmo que o homem que o esperava à frente da janela lhe parecesse nocivo demais. A luz poderia ao menos ajudá-lo adentrar a sala. Retrocedeu e a voz vaga que veio do fundo o lembrou de que não poderia mais dissuadir-se.

- Entre Antônio – disse, quando seus olhos verdes fosforesceram

- Sim – balbuciou.

Ao entrar sentiu frescor mais álgido do ambiente.

- Posso me sentar? – Pediu, já arrastando a cadeira.

Scott Spencer assentiu com a mão. Havia a escrivaninha de carvalho que os separava. Antônio a tateou, com as pontas dos dedos, para desgarrar-se da ansiedade que o medo causou.

- Senhor Spencer, devo-lhe desculpas. Deveria ter vindo ontem...

Enquanto ele falava, Scott casualmente puxou a cadeira e sentou-se.

Antônio continuou:

- Minha esposa... Por favor, poderia acender a luz?

A tímida luminosidade ocupou a sala.

– Obrigado – soltou um sorriso lânguido. – Como estava dizendo, minha esposa está acamada, por esse motivo não pude vir antes.

Scott o fitou, deixando o breve espaço para sua fala.

- Não me interessa a posição em que se encontra a sua esposa.

Eis o primeiro sinal de que estava zangado. Antônio engoliu a seco, fazendo com que se esvaísse da boca o pouco do idioma espanhol que falava.

- Lógico que não lhe interessa, desculpe-me.

O silêncio comprometedor fez com que Antônio transpirasse. Enxugou a testa molhada com o lenço branco que tirara do bolso. Seu rosto macilento, contraído de medo, encarou a criatura à sua frente.

- Vejo que soube do lastimável incidente com o avião – disse, depois de deduzir que calar-se seria pior.

- Como não poderia saber se já fazem mais de quarenta e oito horas?

- Senhor Spencer, o que aconteceu na Amazônia não foi culpa minha. Não sei por que os brasileiros abateram o avião.

- Seus compatriotas me custam caro.

- Fiz exatamente o que me cabia. Dei-lhes o dinheiro uma semana antes e os contatos foram feitos com um mês de antecedência.

- Perdi milhões naquele carregamento.

- Lamento muito. – Esse não era bem o tipo de frase que lhe retiraria a culpa. Sabia disso e transpirou ainda mais, quando ela lhe saiu trêmula – são os americanos, estão pressionando. Como eles mesmos dizem: "se não estão conosco estão contra nós." Acham que o senhor tem ligações com Osama Bin Laden.

"O Brasil, de certo modo, tem que mostrar serviço. Entende?"

- Pensei que não soubesse o motivo. Não foi um caça americano que derrubou meu avião.

- Não diretamente. Sei que tem nacionalidade colombiana, mas o Senhor, como americano, deve saber como são persuasivos.

- Não negociei com eles para que a cocaína chegasse onde está agora. Você chefiava o carregamento, deveria estar morto assim como os outros.

- Deus que me livre! – Persignou-se. – Graças a minha Nossa Senhora de Aparecida – suspirou pelo pávido sentimento da morte e concluiu: estou vivo.

Antônio observou-o abrir uma das gavetas, embutida ao lado, sob a base da escrivaninha. Içou uma fotografia de lá e entregou a ele.

- Conhece? – Perguntou, enquanto o fitava verificando a foto.

A jovem retratada tinha o rosto desalento na foto, porém os olhos vorazes. Carregava um jarro, de modo que seu corpo soslaio não parecia pousar para o fotógrafo.

Antônio tomou a fotografia nas mãos, olhou e em seguida respondeu:

- Não – arremessou a foto sobre a mesa sem muita importância.

O papel deslizou pela superfície lisa da madeira.

- Tem certeza? - Devolveu-lhe a foto na mão.

- Não sei, mas qual importância há nisso?

O súbito rumo da conversa aliviou e causou estranheza.

- Ela foi covardemente estuprada – disse Scott Spencer, depois da pausa displicente – não houve testemunhas, mas seu irmão de seis anos a viu meia hora antes, com você.

Antônio enrubesceu-se, desde as mãos que seguravam a foto

até o rosto magro e comprido. Lembrou-se do momento que a segurou com força pelos ombros, que a tocou, o calor de suas coxas, naquela tarde de sol.

Amata costumava fazer, quase todos os dias, o mesmo caminho, lentamente buscando e trazendo água da cisterna. Ao chegar próximo de casa, sua mãe sempre a apressava e depois lhe mandava refazer o caminho trazendo mais água. Seus pés descalços tocavam o chão de terra na aldeia e, quando sua mãe a perdia de vista, aos poucos ela diminuía os passos.

- Comigo?! – Arregalou os grandes olhos castanhos ao fitar Scott.

Antônio, com as mãos enfiadas nos longos fios negros do cabelo da garota, a empurrou contra a sebe. Amata tentou desfazer-se do homem, dos ossos que lhe apertavam, mas não conseguia.

- Não adianta tentar meu amor; somos somente nós. Eu disse que iria levá-la para Cartagena. Quer ficar perto dele, não quer? Tudo tem um preço, este é o teu – sussurrou melancolicamente, de modo oportuno, no ouvido da jovem.

Logo depois de beijá-la empurrou-a no chão seco e coberto de folhas. O corpo de Amata, enrijecido pelo ódio, caiu.

Antônio livrou-se da foto ao ouvir os gritos da adolescente soarem estridentes de novo; sentiu-se repugnante apenas.

- Devo tê-la visto duas vezes, talvez – retrocedeu.

- Foi você. Estuprou, espancou e humilhou a filha de um camponês.

- Que campon... Eu mal a conheci! Não fiz isso. Sou seu homem de confiança, não pode me acusar assim.

- Não quero problemas com aquela gente. Preciso deles mais do que sua “confiança”.

Scott era sereno e sua voz integrava-se ao olhar calmo, fazendo com quem a ouvisse sentir medo ou paz. Antônio sentiu medo.

- Por que está tão preocupado? É só uma menina da aldeia. Os colombianos já recebem favores demais do Senhor. Seu antecessor, *El patron,* fez menos por todos e mesmo assim ainda levam flores ao

seu túmulo. Não precisa fingir para mim que se importa com eles – arrematou obtuso.

- Trabalham comigo.

- Eles trabalham para o senhor, é diferente – disse com ar de superioridade.

- Diferente? Como? A resposta é o seu direito de estuprá-la?

- Já faz muito pelas aldeias, acho que...

Scott o interrompeu antes que terminasse.

- Não cabe a você dizer-me o que devo fazer.

Suspirou profundamente, apoiou o queixo sobre a mão, tocando os lábios com o dedo indicador. Fitou-o, permanentemente assustador para Antônio.

Com a outra mão guardou a foto na gaveta, ainda aberta, em seguida ergueu um Rossi, de calibre 38.

Ao vê-lo Antônio concluiu:

- Vai me punir, eu sabia. Só não imaginava que fosse por Amata – disse sério e engolindo a saliva.

Lentamente o narcotraficante impulsionou seu corpo para cima, afastando a cadeira para trás. De pé, deu a volta em torno da escrivaninha levando na mão o revólver.

Antônio o observava sugando o mesmo ar que seu fero patrão, freneticamente. Sabia que o fim estava próximo.

- Por favor senhor não me mate. Tenho família no Brasil, minha esposa está doente – pediu, fazendo um gesto eloqüente com as mãos, de piedade.

- Deveria ter pensado neles antes.

- É só uma pobretona colombiana, vivia se insinuando para o Senhor. Não fiz nada que ela não quisesse. Foi uma troca.

- Dois erros: o primeiro significa dinheiro e o segundo honra – não necessariamente nesta ordem.

Engatilhou a arma e mirou para Antônio que se pôs a choramingar.

- Não me mate. Não me mate.

Indiferente e as súplicas de Antônio, Scott Spencer puxou o gatilho, atingindo-o entre os olhos, matando o agressor da jovem

colombiana. O corpo caiu flácido e esgazeado junto com a cadeira de madeira.

Scott Spencer descansou a arma de volta na gaveta, sobre a foto de Amata. Fechou-a. Cruzou por entre o cadáver, ao chão e saiu com passos largos, airoso, através da porta.

***

JANEIRO DE 2005 (ALGUNS MESES ANTES)
WASHINGTON, ESTADOS UNIDOS.

Por de trás da lente escura dos óculos, seus olhos azuis, penetrantes, observavam a Pensylvania Avenue enquanto dirigia o Mustang preto clássico. Ao lado, pousada no banco de passageiro, uma pasta grossa de material sintético com lacre; às vezes resvalava seu olhar nela. Já no parque de estacionamento, da grande mansão, um homem alto indicou-lhe a vaga destinada para funcionários importantes. O carro entrou com perfeita precisão. Antes de deixá-lo tomou firmemente a pasta nas mãos, espiou pelo retrovisor dois agentes do serviço secreto fitando-o a alguns metros, na Executive Drive. Retirou os óculos escuros quando se colocou de pé para o lado de fora. O homem que indicara a vaga assentiu com a cabeça e o guiou para dentro da mansão. Nunca tinha estado antes na Casa Branca e não se sentiu tímido por isso, aliás, poucas coisas no mundo o intimidavam.

O presidente americano já estava no gabinete oval. Junto com ele Thomas Crowe Grazer, seu assessor oficial. Ambos o cumprimentaram formalmente. O presidente voltou-se a sentar junto da escrivaninha de madeira marchetada, seu assessor permaneceu, como um cão de guarda, ao lado, em pé.

- Você é Bryan Andrew, CIA. Muito prazer. Já tem um ponto comigo, a pontualidade – comentou o presidente com falso ar extrovertido.

- Obrigado Senhor. O prazer é meu – agradeceu – Posso? – Referiu-se a cadeira vazia à frente da escrivaninha em que estava o presidente.

- Lógico. Sente-se e fique à vontade. Como está Ralph Taylor? Não soube mais dele depois do acidente de carro. É uma pena que o irmão tenha ficado paraplégico.

- Não tenho tido notícias do diretor de operações. Ando viajando muito. Um mês fora do país.

- Homens da CIA têm esposas furiosas por conta disso – sorriu.

- Não tenho esposa nem filhos para que fiquem furiosos.

- Sorte sua – arrematou o presidente, soltando uma gargalhada impertinente e procurando platéia. Craze esboçou o sorriso sem graça, Bryan nem isso fez.

Por que o presidente estava se esforçando para ser simpático? Tinha tido uma prévia do que seria o assunto, mesmo assim mantinha-se bem-humorado. Se não fosse filho de quem era poderia ter seguido o caminho de atuar. Hollywood teria o ator com o ar mais hipócrita do cinema, pensou Bryan. Ou quem sabe poderia ser o próprio presidente americano num filme de comédia!

Crowe Graze permaneceu mudo e imóvel. Por que não alguém do serviço secreto ali no seu lugar? Mas não, era o incompetente do Crowe Graze. Bryan usou esse termo em seus pensamentos, porque já o conhecia e, para ele, o assessor não passava disso.

O presidente remexeu-se na cadeira antes de começar a falar.

- Recebi um documento da CIA. Ainda estou... – Procurou a palavra – Estupefato com seu relatório.

- Senhor presidente, sei que já tem problemas demais, mas sinto obrigação de trazer-lhe, pessoalmente, essa informação – Abriu o lacre da pasta e retirou alguns papéis – Trouxe-lhe um dossiê redigido por mim. E um conciso arquivo sobre o tráfico de drogas e o atual chefe daquela nação...

- Espere aí. Eu não vou ler tudo isso agora, então me diga, por auto, o que exatamente tem aí. Você tem razão, já tenho problemas demais – interrompeu sem o bom humor pirata que costumava usar.

- Sinto muito Senhor. Há uma cópia de tudo isso arquivada e já no computador da Casa Branca. Resumirei... – Fitou o calado Graze sem pestanejar e logo em seguida voltou para o presidente – citando alguns nomes do passado político da Colômbia. Belisario Betancur eleito em 1982 enfrentou o problema das guerrilhas: As Forças Armadas revolucionárias da Colômbia (Farc) surgida em 1966, das urbanas M-19 ou movimento 19 de abril; o Exército de Libertação Nacional – ELN e o Exército Popular de Libertação, EPL. Todas surgidas nos anos 70. Belisario Betancur, que precedeu medidas ditatoriais, resolveu adotar uma solução política e não militar para o problema e decretou anistia para os guerrilheiros. Assinou acordos de paz com os três movimentos guerrilheiros mais importantes do país. Três anos depois de ser eleito, o presidente viu As Farc se transformar em partido político. No mesmo ano, 1985, o Palácio da justiça em Bogotá foi invadido pelo M-19 e o EPL em represália ao não cessar-fogo negociado entre as guerrilhas e o governo. Isso pôs fim às negociações entre ambos. Betancur assumiu uma política independente dos USA e engajou a Colômbia nos esforços pela paz na América Central. Teve que enfrentar crises econômicas e o tráfico de drogas. Por fim deixou o governo sem muito sucesso. Não acabou com as guerrilhas, nem com o tráfico, tampouco com os esquadrões da morte e os grupos paramilitares. Enfim, suponhamos que fez o que pôde – fez uma pausa, tomou um gole de água e voltou com o copo à bandeja, sobre a escrivaninha – Seu sucessor assumiu em agosto de 1986. Virgilio Barco Vargas, eleito em maio. Seu governo fracassou no combate ao tráfico de drogas e conflitos com guerrilhas. A Colômbia se tornou o centro do crescente tráfico de drogas para nosso país, controlados pelos cartéis de Cali e Medellín. Em 1990 o candidato liberal César Gaviria Trujillo, ao assumir, prometeu abrir mão da extradição dos principais traficantes para os Estados Unidos, caso os chefes do tráfico de drogas se rendessem. Dois deles se entregaram. Um deles, muito conhecido, Pablo Escobar, fugiu da prisão e foi morto em 1993. Em 1994 Ernesto Samper subiu à presidência dizendo que combateria o tráfico. Ofereceu recompensas para captura dos chefes do cartel de

Cali. Mais tarde ele fora acusado de envolvimento com o tráfico em sua campanha. Em agosto de 1995 foi decretado estado de emergência nacional e o congresso deu início às discussões sobre o processo de impeachment...

- Por favor – pediu o presidente obsequioso – resuma o máximo possível.

- Sim Senhor. Desde então temos visto outros com discursos parecidos até, em 2002, Uriel Córdoba chegar à presidência. Córdoba, eleito com festa pelo povo colombiano, foi prefeito de Bogotá e todos o conheciam como um político que cuidou bem da capital. Seu discurso seguia a mesma linha: "Faremos o possível para o progresso colombiano. Estabeleceremos confiança em nosso país através de uma dura batalha contra *"Los Violentos"*. Poderia ser, somente, mais um dentre esses nomes que citei, mas ele não é. Em dois anos de seu mandato já vimos como está cumprindo sua promessa.

- Uriel Córdoba tem agido firme. Em pouco tempo mostrou cooperar conosco. Estou surpreso – comentou o presidente, arqueando os lábios.

- Eu sei – Bryan retirou os últimos papéis da pasta que ainda tinha no colo e entregou ao presidente, que se mostrava impaciente.

- O que é isso?

- É a cópia dos números da campanha de Uriel Córdoba em 2002. O que tenho comigo é original e está assinado pelo seu tesoureiro Carlos Burbon.

O presidente folheou atentamente. Leu por minutos a segunda página.

- Você tem o original disso? – Perguntou o presidente, com uma ruga de dúvida na testa, pois não havia prestado a atenção na última frase de Bryan.

- Sim – respondeu com segurança.

O presidente fechou o documento e fitou Bryan à sua frente. O louro e bem vestido não se parecia em nada com um mensageiro.

- Como conseguiu esse documento?

- Tenho trabalhado em cima disso há algum tempo. Estou há

alguns anos na CIA, mas vim do *Drug Enforcement Administration.* Lá investiguei Scott Spencer. De lá para cá acompanho a carreira brilhante, dele.

- Scott Spencer, " *The Vulpine*"?

- Exatamente Senhor presidente. O Cartel da raposa não é só mais um. Esses números, da campanha de Uriel Córdoba, estão relacionados com dinheiro desse homem. O documento só foi a prova de que eu precisava para procurá-lo.

O presidente e Craze se entreolharam.

- Por que o presidente colombiano seria estúpido o suficiente para deixar por aí números de sua campanha de 2002. Por que não adulterá-los? – Perguntou Graze, com evidente vontade de contrariar Bryan.

- Acho que não expliquei tudo. Esse documento é uma prestação de contas de Córdoba com Scott Spencer. Estavam na mão do traficante. É como se fosse uma promissória...

- E o que isso realmente significa? – Interrompeu Crowe Graze.

- Uriel Córdoba tem cooperado com Scott Spencer para que seu império cresça. Não pensem que Scott Spencer é a encarnação de Pablo Escobar. Ele é um mafioso com ligações pelo mundo todo, ramificações empresariais e mafiosas. Todo esse anonimato faz parte da farsa de ambos para nos enganar. Em troca, Uriel Córdoba ganha apoio para combater as guerrilhas e os outros cartéis. E não é só. A tal prosperidade que o presidente colombiano garante trazer para Colômbia vem de Scott Spencer.

O presidente ergueu-se, pesadamente, da cadeira. Afastou-se de todos esfregando o rosto com a mão. O relatório de Bryan Andrew, da CIA, adiantara pouca coisa. Aquele filho da mãe sequioso fizera de propósito a surpresa. Planejara ter uma manhã pacífica e aproveitar o sol, com a primeira-dama, no jardim das Rosas. O café da manhã revirou no estômago, ainda tinha o gosto dele na boca.

- Tarde demais. – disse rodopiando na ponta do pé – Tarde demais.

- O quê? – Questionou Bryan, surpreso.

- Essa última visita que Córdoba nos fez foi para reforçar o acordo de combate às drogas. Os Estados Unidos se comprometeu a enviar alguns milhões em ajuda. E ele nos ajudará a prender "Vulpine".

- Retire o acordo – rebateu retórico.

Graze lançou um fulminante olhar para Bryan. Quem era ele para dizer o que o presidente dos Estados Unidos deveria fazer?!

- Não posso. Os Estados Unidos deu sua palavra que trabalharia junto com ele contra o tráfico e as guerrilhas – disse o presidente, a contragosto.

- Esse homem não é digno da nossa palavra, com todo respeito Senhor Presidente, porque simplesmente não tem nenhuma.

Como se retirar um acordo fosse desmoralizar ainda mais o chefe americano. Pensou Bryan.

- Mas nós temos a nossa e vamos mantê-la até onde der – arrematou o presidente.

- Onde é até quando der?

- Até ele não conseguir mais mentir. Vamos dar um jeito. Quem está por dentro dessa informação na CIA?

- Repassei ao diretor, David Schlissel. Ele me pediu sigilo total até trazê-la ao senhor.

- E fora da agência?

- Não vou negar que o DEA esteja em cima de algo parecido. Têm agentes dentro da Colômbia. Burns, talvez. Mas, confesso, que em pouco tempo não será segredo para ninguém. Tampouco da imprensa.

- Quero Burns e o DEA com a CIA, então. Quero sigilo de tudo que me disse aqui, pois, até dias atrás, a CNN e outros veículos da imprensa no mundo todo, mostrava o acordo feito entre Estados Unidos e Colômbia. Outra coisa é ter Uriel Córdoba como aliado forte na América do Sul. Complicações com os colombianos colocaria a Venezuela numa boa posição. Dê-me mais tempo e então pedirei a extradição desse traficante e, se ele resistir, parto para as ameaças. Entrarei em contato com o general Schlissel, você saberá.

Bryan pôs-se de pé. Não poderia dar início a uma discussão, porém, se pudesse, diria que um dia a mais de vida para "*Vulpine*" seria fortalecê-lo. Também quis acrescentar que o dossiê, que deixara sobre a escrivaninha, continha tudo que era preciso para saber que o traficante se tornara o novo dono da Colômbia. Contudo o presidente parecia estar mais preocupado com outras coisas. Deixou a Casa Branca contrafeito, somente conseguira, daquele patético encontro, a *palavra americana*, do presidente, que em breve tomaria atitude.

***

O tráfego na Pensylvania Avenue seguia normalmente. Bryan dirigia o Mustang da CIA com uma enorme vontade de chegar logo a qualquer lugar que fosse. Seu carro era um Hummer que ficava na garagem da sua casa, em Nova York, quase todo o ano. Certamente, depois da deixa do presidente, o general Schlissel lhe daria alguns dias de férias para desacelerar no assunto, então, era hora de tirar o carro da garagem e aproveitar a temporada de caça. Não podia negar que se decepcionara com a passividade do presidente diante das revelações sobre o colombiano Uriel Córdoba, mas o que poderia fazer? Ele sabia esperar e esperaria com calma. O celular tocou. Bryan atendeu logo em seguida, pelo viva-voz.

- Sharon.
- Bryan. Tentei falar com você ontem. O que aconteceu?
- Estive um pouco ocupado.
- Onde você está?

Ele odiava dar satisfações, principalmente para as mulheres. Suspirou de leve antes de responder.

- Indo para casa.
- Quando vamos nos ver de novo?
- Não sei Sharon.
- Foi horrível o enterro. Pensei que não fosse agüentar.
- Sinto muito pelo seu pai.
- Eu sei.

A voz de Sharon estava chorosa. Há dois dias seu pai sofrera

um ataque cardíaco enquanto tomava banho de mar, em Bankton.

- Queria que estivesse comigo – disse, depois de um silêncio.

- Sabe que eu não posso. Vamos conversar depois, te ligo mais tarde.

- OK. Estou com saudade. Eu te amo!

- Tchau.

Bryan se perguntava como uma mulher como Sharon Herrington podia deixar-se iludir tanto. O que eles tinham, no máximo, era um caso e, no mínimo, seis boas transadas. Conheceram-se em Washington. A bela Sharon, descendo do avião, na Base de Andrews, da força aérea, fora uma visão e tanto. Ao lado seu marido, Edward Herrington, chefe da Naval Intelligence, casados há 11 anos e pais de um menino. Bryan era o mero convidado e nem sabia que ocupava o mesmo avião que o casal. Houve recepção depois da palestra em que Sharon desempenhou, com eximia perfeição, a oratória a respeito de seu mais novo livro, "Axiologia Mulçumana, Não Valores Terroristas". Bryan já tinha ouvido falar em seu nome dentro da CIA, mas nunca tinha passado do apêndice dos seus livros.

Formada em antropologia, sociologia e psicologia, a morena, de curvas e seios proeminentes, cabelos longos e olhos negros, ávidos, exercia o papel de analista social para a agência central. Deixara o emprego de professora de sociologia na universidade de "Wisconsin" para aceitar o convite da CIA, há três anos. Durante a recepção Bryan e ela trocaram algumas palavras. Após dois meses, o primeiro encontro. Quando menos esperava, Bryan Andrew mantinha caso com a analista social da CIA e esposa do chefe da marinha. Por ser tão proibido e secreto, afinal eles trabalhavam para agência de informação, os encontros se tornavam cada vez melhores. Mas, agora, Sharon enfiara na cabeça que isso tudo era amor. Que eles se amavam e mereciam ficar juntos. "De onde ela havia tirado tal idéia?" Bryan presumia ter a segurança de manter um caso escondido com uma mulher de trinta e nove anos, madura o suficiente para não tencionar a palavra amor, pois amor, em sua vida, nunca mais.

CAPÍTULO DOIS

MARÇO DE 2005
BOGOTÁ, COLÔMBIA.

O atual presidente da Colômbia, agora, esboçava um sorriso vitorioso; pelo menos havia vencido a primeira batalha. O que, antes, foram dias de apreensão, hoje, no estrelado céu sob a *Casa Del Nariño,* era festejo para os membros do partido "Gran Liberal Colombiano".

Voto de boa-sorte na próxima eleição – dados até pelos criados – era falado por todos os cantos. O corpulento chefe da nação conseguiu o que desde quando tinha assumido a presidência almejou: a reeleição.

Fazia poucas horas que o obstáculo da constituição que limitava a quatro anos a permanência no poder do presidente da república, havia sido removido de seu caminho.

Lá estava ele, enxundioso e transpirando ambição; falso como aqueles que o seguiam. Sua demagogia era tão convincente que, por vezes, ele mesmo parecia acreditar nela.

Contudo, sua popularidade não era das melhores. Uriel Córdoba subestimou o povo. Armou os paramilitares disfarçados a fim de tentar agradar os Estados Unidos, pois, esses, tinham como objetivo proteger a população contra as guerrilhas comunistas e caçar o traficante de drogas mais procurado do mundo. Porém, paramilitares, ditos patriotas, nada mais eram do que um bando que

cometia crimes contra camponeses, torturas e violência sexual às mulheres.

Uriel Cordoba queria o impossível – agradar a quase todos – usando de uma manobra enganadora, lisonjeira e furtiva. Agradaria aos americanos, dizendo que seus *paramilitares* eram melhores do que a polícia e o exército para combater o terrorismo de guerrilheiros. Agradaria o povo, dizendo que não cederia aos Estados Unidos e não caçaria o amado ídolo colombiano, como haviam feito com outro no passado. E, por fim, agradaria o próprio Scott Spencer, ao dar-lhe espaço em seu país para o tráfico. Mais empresas investiam na Colômbia, que se abria para o mundo graças à raposa valiosa.

Parecia impossível, mas para ele significava mostrar a si mesmo o quanto equilibrista poderia ser. Entretanto, não estava agradando nem enganando ninguém.

Os Estados Unidos, no ápice da paciência, já não mais aberto a um diálogo com Uriel Córdoba, suspendera o dinheiro a ser enviado ao país para o combate do narcotráfico. Uma ligação, vinda da Casa Branca, tirou o sorriso dos lábios do presidente da Colômbia naquela noite.

No dia seguinte, Uriel, com olheiras horríveis, levantou cedo da cama. A senhora primeira-dama dormia profundamente. Melhor assim, não dividia com a jovem esposa seus problemas na política; já bastava o fato de ele não poder mais satisfazê-la sexualmente. Cobri-a de jóias e roupas caras, era o único recurso que compensaria.

Seus pés tocaram o chão, descalços. O revestimento de piso se fazia por uma madeira retangular, lisa e muito brilhante. Córdoba quase podia ver-se nela. Laura nunca fora prestativa com esses serviços, não parava para notar o chão e o trabalho dos empregados, por esse motivo havia a governanta que mantinha os empregados e a casa em ordem.

A barra do pijama, de seda cinza, levemente caiu sobre o taco quando Córdoba ergueu-se da cama, devagar, não queria acordar a bela esposa envolvida no lençol fino e branco que cobria a pele morena e nua. Ele a fitou com imenso entusiasmo sexual, mas

nenhuma parte de seu corpo se moveu. Meneou a cabeça, deixando-a oblíqua de lassidão e vergonha.

Antes de sair da suíte observou a onda formada pelas nádegas no lençol, por sobre a cama; um suspiro de Laura e a orla daquele mar carnudo volumou grandes ondas, sumindo à beira da impotência.

Virou-se para o corredor e caminhou, enquanto ouvia em sua mente vozes pueris gorjeando – o presidente bimba – também sorriam sarcasticamente. Córdoba, com passos largos, caminhou até ao escritório, fechou a porta em sobressalto; as vozes o deixaram, não adentrando a sala.

Ainda de pijama, mandou chamar seu assessor e conselheiro político. Carlos Burbon chegou depois de meia hora.

Uriel o esperava em seu escritório.

- Feche a porta – pediu com ar preocupadíssimo.

- O que aconteceu Córdoba? – Sentou-se à frente do presidente. – Ontem estava tão eufórico e, agora, me parece apreensivo.

- E estou. Ontem, no final da festa, recebi um telefonema da Casa Branca.

- Da Casa Branca?!

- Querem o que nos há de mais precioso. – Disse Uriel meneando a cabeça.

- Scott Spencer?

- Sim. Tenho uma semana para reunir o corpo de elite da polícia e o exército.

- Não pode fazer isso!

- Eu sei – disse lacônico.

- O que aconteceu? Pensei que tivesse o presidente americano nas mãos!

- Eu também, mas acho que alguém descobriu nossa ligação com *ele* – disse profundamente desanimado.

- O que pensa fazer?

- Não sei. Por isso te chamei aqui.

O rosto rubicundo de Carlos ganhou ar de preocupação. Certamente também não sabia o que dizer para livrar Uriel da "saia

justa".

- Sinto dizer-lhe Córdoba, mas acho que não poderemos continuar jogando dos dois lados.

Uriel levantou-se do sofá e foi até à janela, vagaroso, caminhando como uma bailarina roliça.

- Não quero despertar a ira dos Estados Unidos. Sofrer um embargo econômico não me passa pela mente. Já perdemos alguns bilhões com essa pressão toda – comentou angustiado.

- Ninguém quer... Córdoba, você conseguiu enrolar durante dois anos, tente novos artifícios.

O presidente colombiano, bom em manobras arriscadas, se viu diante da pior delas. Ao mesmo tempo observou, pela janela, abaixo da cobertura transparente de vidro, a bela esposa, que tanto amava, indo banhar-se na piscina aquecida, depois da confortável noite de sono, na manhã fria de Bogotá. Sabia o quanto Laura desejava continuar sendo primeira-dama, o que isso lhe renderia em dinheiro.

Entregar Scott para os americanos seria o principal e o maior fiasco de sua carreira política e levaria ao fracasso pessoal. Sem dinheiro, nada mais restaria deste homem antipático, feio e impotente.

Scott era idolatrado pela maioria da população colombiana, um traficante que usava de métodos diferentes. E isto não era mero clichê. A Colômbia, país pobre e endividado, agora tinha o seu produto interno bruto nacional crescendo gradualmente. A cocaína de Scott fornecia emprego a muitos e as coisas andavam tão bem que o fundo monetário internacional era dispensado. As principais cidades prosperavam sem mais se preocuparem com a onda de violência, pois, com a tomada da maior parte do território colombiano para seu cartel, não havia a disputa entre traficantes. Com as guerrilhas, negociava deixando-as em paz em seus territórios, entrosavam-se, na medida do possível. Equipava hospitais, escolas, creches e até igrejas, em troca da fidelidade e colaboração. Reforçava o polícimento e trazia novos investidores para o país.

Os méritos eram para ficar com Uriel Córdoba, mas o povo

simpatizava muito mais com “Vulpino” e a cada erro do presidente o narcotraficante se fortalecia ainda mais. Não era segredo quem realmente comandava a Colômbia.

Acima do bem e do mal, Scott era de grande ajuda aos colombianos, sendo uma pessoa influente em qualquer meio. Com isso, permitir a sua morte ou prisão significava não contar com o apoio de ninguém dentro da Colômbia e, também, se esquecer do dinheiro para a próxima campanha política, que viria dele.

Uriel só contava com um único recurso: Uma ideia. Tinha toda a semana para pensar nela.

***

A família de Laura era formada por um bando de adultos e crianças pobres, a maioria nascidos no norte de Santander. Não muito raro, Uriel tinha que engoli-los a seco zanzando pela casa.

Na festa de aniversário da primeira-dama os amigos influentes do presidente se enjoavam, ao vê-los com costumes animais; os pestinhas se estapeavam pela comida que estava sendo servida com abundância.

Laura se mostrava sem o senso emético dos convidados de Uriel, não prestava atenção em nada a não ser em si mesma. Estava feliz, mas quando imaginava que, com vinte e sete anos, cada vez mais se aproximava dos trinta, uma leve enxaqueca a incomodava.

Uriel notou, de longe, quando sua esposa tocou a testa e fechou os olhos. Laura possuía uma porção de defeitos, mas a falta de beleza não se encaixava nessa lista. Tinha o rosto pequeno, sobrancelhas finas, desenhadas, sobre os olhos negros. Lábios delicados e um corpo carnudo e leve. Seus cabelos eram tingidos de negro azulado e, naquela noite, estavam perfeitamente lisos, esbarrando nas costas.

- Meu amor, você está bem? – Delicadamente pousou a mão no ombro de Laura. – Me parece cansada.

- Estou com um pouco de enxaqueca. Logo vai passar.

- Vou pegar algum remédio para você.

- Não precisa, peço para alguém trazer-me.

- Deixe que eu mesmo pego.

Uriel deixou a sala de recepção da casa onde se reuniam todos os convidados. No corredor, que levava a suíte presidencial, se deparou com uma criança que saia do quarto. O menino, vestido de terno e gravata, encostou o dedo indicador nos lábios e fez sinal de silêncio.

- Senhor Córdoba, não diga a ninguém que me viu saindo daqui, não quero que descubram – depois disse baixinho – Sou um agente secreto americano.

- Agente secreto americano?!

- Psssssssssssiu.

O garotinho passou por entre Uriel e sumiu no final do corredor.

- Essa família de Laura... – Disse para si mesmo.

Entrou no quarto e depois no toalete. Sabia que sua esposa guardava ali o remédio, pois a via pegando-o sempre que estava para vir às regras e o mau-humor. Abriu o armário, procurou e não achou. Onde estariam os malditos comprimidos?! Suspirou e fechou a porta do armário cheio de coisas femininas. Por mais que tentasse esquecer não poderia, no dia seguinte venceria o prazo dado pelo presidente americano. O que ele diria quando o próprio ligasse exigindo uma definição?

- Tinha que ser americano, moleque estúpido? – Sussurrou – Espera aí: agente secreto... Americano? Que bela ideia você me deu moleque.

Apressou em pegar o celular e chamar Carlos, que estava na festa. Ele imediatamente subiu até à suíte.

- Moleque bendito – soltou uma irônica gargalhada.

- Moleque? Que moleque? – Perguntou Carlos, sem entender a súbita mudança do estado de espírito de Uriel.

- Deixe-me te explicar meu caro amigo. Eis que encontrei mais uma carta em minha manga. Amanhã eu mesmo ligarei para a Casa

Branca. Direi a eles que não posso pôr a polícia e o exército nas ruas atrás de Scott – apontou o dedo para cima. – Mas vou permitir que entrem em meu país os próprios americanos.

- Não entendi – vacilou Carlos enrugando a testa.

- Agentes secretos. Esses que eles tanto adoram. Alegarei que não quero expor a população a qualquer violência e que, na realidade, agentes disfarçados e infiltrados na Colômbia seria o modo fácil de pegá-lo. – Piscou com um dos olhos arrematando a explicação de sua brilhante idéia.

- Genial Córdoba. Mas nós sabemos o quanto o DEA nos é enfadonho, agora colocar mais agentes no país, não sei... Spencer, como se tivesse uma bola de cristal, sabe de cada agente do combate ao narcotráfico que entra aqui, como não saberia de mais um punhado deles?

- Exatamente. Esse é o ponto meu caro. Não é nenhuma bola de cristal que ele tem, bem sabemos. Pedirei sigilo total da imprensa e do próprio serviço secreto. É sabido, de todos, que os agentes do DEA nos saturam e muito, porém, uma operação rigidamente secreta, com a finalidade de buscar Scott Spencer em nosso país, não nos incomodaria em nada. Vou deixá-los à vontade. Direi a Grazer e ao próprio presidente dos Estados Unidos.

- Mas há um problema. E se pegarem *A Raposa*?

- Eles não vão pegá-lo. Ele é inteligente demais. Em todo caso vou pedir o dinheiro da campanha adiantado. Se o pegarem, o que acho difícil, eu já terei o dinheiro para a campanha deslumbrante de dois mil e seis – disse sobressaltando os olhos por Carlos, fitando o próprio retrato pintado, numa moldura cara posta na parede.

- E se desconfiar?

- Arrumarei uma boa desculpa. Ora vamos Carlos! Eu sou bom nisso!

Um homem cheio de ambição e meios corrompidos na política para atingir seus objetivos, esse era Uriel Córdoba, presidente da nação colombiana. Implícito com a demagogia pedante, sem escrúpulos para pôr em prática planos escusos, infelizmente conseguiria se reeleger nas eleições de dois mil e seis. Porém, depois

da vitória nas urnas, um fato pessoal e político mudaria o rumo de sua vida bruscamente.

O coração da família Córdoba seria fatalmente atingido desmoronando o mandato tão almejado. Somente quatro anos mais tarde, depois de intensivos tratamentos psicológicos, voltaria à vida política sem muito sucesso, superando a cena de horror que assistira. Esquecendo o que tinha visto emergir das águas, por amor ao dinheiro – resultado da terapia.

Daniel Córdoba, único filho do presidente colombiano, nutria pelo pai uma mágoa desde a infância. O menino, tímido e arredio, era lembrado pelo pai, a todo tempo, de sua deformidade labial que não lhe permitia se expressar com clareza.

"Você jamais poderá dar continuidade à minha carreira política" – dizia Uriel ao adolescente na época em que assumira a prefeitura de Bogotá.

O racismo claro e aberto que sofria dentro de casa piorou com a morte da mãe.

No dia do casamento do, então, prefeito da capital colombiana com uma moça que tinha quase metade de sua idade, Daniel saiu de casa.

O ódio que cultivava pelo pai, também, foi um dos incentivos para que o rapaz ingressasse no grupo de guerrilha mais perigoso e conhecido no país: As Forças Armadas Revolucionária da Colômbia – As FARC.

Depois da vitória, na reeleição, para a presidência, Uriel, como era de se esperar, continuou a armar os paramilitares e foram eles que assassinaram um dos líderes da guerrilha.

Em represália, Daniel e outros membros de As Farc entraram na casa do presidente, renderam os seguranças e seqüestraram a primeira-dama. No cativeiro, Laura foi torturada e morta; tudo foi filmado e endereçado a Uriel Córdoba.

Passado uma semana do seqüestro camponeses e pescadores encontraram o corpo nas águas do Rio Magdalena, junto com um lembrete, esculpido num pedaço de madeira amarrado ao pescoço dela, como se fosse um colar – "comida nova aos jacarés".

Referindo-se aos guerrilheiros que tinham os braços arrancados por serras mecânicas, pelos paramilitares, antes de serem jogados no rio Magdalena, cheio de jacarés famintos. Inexplicavelmente, eles, os jacarés, não devoraram Laura.

Antes disso Uriel jamais poderia conceber tamanha maldade do filho renegado. Porque a rejeição, às vezes, se torna cruenta, alimentá-la é dar forma ao mal.

CAPÍTULO TRÊS

AGOSTO DE 2005
WASHINGTON, ESTADOS UNIDOS.

- Que interessante – murmurou Thomas Crowe Grazer, assessor do presidente americano, quando viu Bryan Andrew, integrante do primeiro time da CIA, entrar com seu terno escuro.

Crowe Grazer cruzou as pernas e apoiou o cotovelo sobre o joelho, segurando seu queixo fino, com uma cova no meio. Bryan sentou-se no sofá à sua frente, a seu lado o general David Schlissel, diretor-geral da CIA. O General tinha o ar cansado no rosto austero, havia acabado de chegar da Virginia.

Bryan os encarou. Primeiro Grazer, depois Schlissel. Nos olhos, um azul frio. Pôde fitá-los de igual porque nunca, dentro da sua particularidade, os temeu. Também, no fundo, reconhecia seu pino de posição não estabelecido na hierarquia. Schlissel continuou firme mantendo seus esgazeados e velhos olhos cinzentos, com toda a pompa de seu posto. Porém, os olhos gélidos do agente secreto esfriavam qualquer ambiente, e aquele estava frio e pesado para os cumprimentos.

Crowe Grazer ergueu-se e afastou-se até a ampla janela troteando como um homem forte. Virou-se mantendo a mesma mão no queixo.

- Andrew, poderia nos relatar o que, exatamente, aconteceu na Colômbia?

Bryan abandonou Schlissel com os olhos.

- Pensei que já soubessem.

- Sabemos. Contudo queremos ouvir da boca do homem que chefiou a operação. Schlissel abriu seus lábios, finos e secos, pela primeira vez naquela manhã nublada de Washington.

- Andrew, temos conhecimento da sua competência, por esse motivo até agora não compreendemos o verdadeiro porquê desse fracasso. Não sei como um maldito traficante pôde ser mais inteligente que todos vocês.

- Senhor Schlissel, permite, então, me explicar?

O diretor-geral assentiu rigidamente, como se estivesse sofrendo de uma tremenda dor de torcicolo.

- Desde a prisão de Alan Burgs, dono da empresa de tintas, que tinha na cocaína o meio de ganhar ainda mais dinheiro, o FBI nos informou que ele estava disposto a cooperar para a captura de Scott Spencer, já que o presidente colombiano permitiu que nós entrássemos no país à vontade desde que não fizéssemos barulho.

Burgs havia sido preso há dois meses, na Califórnia, em uma ação conjunta da Divisão de Narcóticos de San Diego e o FBI. Eles chegaram na hora em que Alan conferia sua mercadoria, vinda da Colômbia, em um dos seus depósitos. Era cocaína pura que renderia o dobro depois de ser misturada. A droga fora transportada dentro de corpos. Todos eram funcionários da empresa de Alan. Ele oferecera uma viagem aos "privilegiados" para a floresta Amazônica. Lá os dez funcionários, homens e mulheres, três com acompanhantes, foram mortos num acidente de barco. Alan armou tudo. Os mataria e usaria seus corpos para a droga entrar nos Estados Unidos. Os cadáveres foram transportados para a Colômbia, onde seriam “esvaziados” e “recheados” com cocaína. Já nos Estados Unidos a droga seria retirada e, os corpos, devolvidos às famílias com qualquer outra coisa dentro. Alan Burgs, membro da máfia americana, era peixe grande e precisava ser pego em flagrante para ter seu nome relacionado diretamente. A polícia desconfiou do acidente com os americanos na Amazônia. O DEA foi rápido e não interceptou a droga antes de chegar aos Estados Unidos. Informantes

avisaram que o traficante estaria no depósito de tinta. A polícia chegou e o pegou.

Bryan sacudiu a cabeça, em contradição.

- Eu, pessoalmente, não gostei, mas me deixei levar pela maré. Phillip Burns levaria para a Colômbia vinte agentes que ajudariam na captura de "Vulpine" e mais um traficante, também pego na operação em San Diego, Robert Ford. Do México sairia o pequeno submarino invisível. Acredite: Alan, com a ajuda de "Vulpine", mandou construir um submarino invisível, só para transportar sua cocaína. Eu fui avisado de última hora. Fiquei furioso, cheguei a discutir com Phillip. Ele arquitetou o plano, disse-me que a própria CIA dera a ele a permissão e que drogas era assunto do DEA. Só que eu não sabia de nada, até então pensava ser uma ação conjunta entre o DEA e eu. Mas eles me ignoraram deliberadamente.

- Por que o Burns não está aqui? – Perguntou Graze para ambos.

- Porque agentes do *Drug Esforcement Administration* não é problema meu. Cada agência cuida de seus agentes – respondeu Schlissel.

- Burns estava a serviço da CIA – retrucou Graze – pelo que sei.

- O que exatamente aconteceu na Colômbia? Você é um dos nossos melhores analistas e agentes, mas sei que todos nós somos falíveis. – Perguntou Schlissel a Bryan.

- Concordo e admito que todos nós somos falíveis, mas não fui eu quem errei. Vou relatar o que aconteceu e então decida, por si, de quem é a verdadeira culpa. – Fez uma pausa esperando a permissão de Schlissel e continuou – Chegamos à Colômbia de madrugada, a uma pequena base do próprio traficante, na costa colombiana. A viagem foi um horror. O submarino é pequeno, sem nenhum conforto, construído apenas para transportar droga. Os agentes se espalharam por terra, todos armados. Cinco homens de Scott Spencer foram mortos. Robert Ford, que estava em San Diego e foi preso junto com Alan, também prometera nos ajudar. Foi conosco de submarino até à Colômbia. Ele atraiu os cinco vigilantes

da base de “Vulpine” para matá-los. Muito barulho, desaprovei de imediato. Alan dissera a Scott que mandaria mais quatro pessoas junto com Ford para ajudá-lo no carregamento e que esses homens eram novos, por isso não seriam reconhecidos de imediato, mas estariam com Ford, homem que ele conhecia muito bem. Esses cinco novatos eram agentes do DEA. E lá se foi Ford com cinco agentes, nos carros que Scott cedeu, ao seu encontro. O dinheiro, Burns fez questão de serem dólares verdadeiros, que ele reconheceria se fossem falsos, assim que abrisse as malas que os dois agentes levavam, que iria ser entregue direto a Scott. A cocaína viria de carro até ao submarino. Cabia a Ford ludibriar o traficante e levá-lo até ao submarino, então, nós o capturaríamos e o arrastaríamos para dentro. Levá-lo-íamos até o Panamá. Lá estaria nos esperando um avião e escolta de policiais e agentes para levar Scott Spencer para os Estados Unidos. Simples, na cabeça de Burns.

“Senhor Schlissel, eu não estava brincando quando disse que era quase impossível entrar na Colômbia e arrancar Scott Spencer de lá. A polícia colombiana não nos ajudaria. Uriel Córdoba tem seus argumentos de que não pode por a mão nele, mas que nós podemos entrar em seu país. Porém, não é simples. O Senhor acha que quando Alan ligou para “*Vulpine*”, já sob a mira dos federais, para mentir, ele não percebeu? Sua prisão não fora tão sigilosa assim. “Vulpine” não cuida de transações, não recebe dinheiro, nem embarca cocaína para lugar algum. Para isso, tem pessoas de extrema confiança. Quando Alan insistiu que estivesse presente em carne e osso, na transação, ele desconfiou. Mas mesmo assim foi ao submarino com Ford e os agentes, na companhia somente de uma mulher e uma arma. Eu, Burns e o “comandante” – disse aspeando com os dedos – ficamos dentro do submarino, por isso sobrevivemos. Ouvimos Dogs, um dos agentes, gritando pelo rádio – é uma armadilha, tem mais de cem homens atirando contra nós, com bomba de gás... – Nem terminara a frase e estava morto. Ford tinha um microfone dentro do paletó, ouvimos até metade do caminho, depois a transmissão foi cortada.”

O general meneou a cabeça. Pensou em segundos e exclamou